



## **Jornalismo, socialismo e humor: lugares e saberes de Raimundo Pereira e Ziraldo na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar<sup>1</sup>**

Journalism, socialism and humor: Raimundo Pereira and Ziraldo's places and knowledges in the Brazilian alternative press during the military dictatorship

Periodismo, socialismo y humor: lugares y saberes de Raimundo Pereira y Ziraldo en la prensa alternativa brasileña durante la dictadura militar

**Marcos Paulo da Silva** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande | Mato Grosso do Sul | Brasil | [marcos.paulo@ufms.br](mailto:marcos.paulo@ufms.br) |  <https://orcid.org/0000-0003-2868-4865>.

**Leopoldo Pedro Neto** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Campo Grande | Mato Grosso do Sul | Brasil | [leeoneto28@gmail.com](mailto:leeoneto28@gmail.com) |  <https://orcid.org/0000-0003-2372-6229>.

**Resumo:** O artigo tem por objetivo compreender as visões de jornalistas que atuaram na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) como forma de contribuir para o desvelamento da complexidade do fenômeno. Como corpus, vale-se dos depoimentos de Raimundo Pereira e de Ziraldo registrados no acervo do Instituto Vladimir Herzog pelo projeto "Resistir é Preciso". Os depoimentos passaram por decupagem e foram categorizados para a identificação de semelhanças e de contrastes relacionados às visões dos agentes sobre suas práticas e estratégias jornalísticas de contestação ao regime. Infere-se que o caráter contestatório, calcado na busca por modelos alternativos às práticas jornalísticas dominantes do período, possuem divergências, posto que Ziraldo recorre ao humor como forma de deslegitimar o regime, enquanto Raimundo Pereira propõe um modelo crítico de jornalismo orientado por uma visão socialista.

**Palavras-chave:** imprensa alternativa; ditadura militar brasileira; resistir é preciso.

**Abstract:** This article, as a way of contributing of the understanding the complexity of the phenomenon, aims to analyze the views of journalists who worked in the alternative press during the Brazilian military dictatorship (1964-1985). As a corpus, it uses the testimonies by Raimundo Pereira and Ziraldo registered in the Vladimir Herzog Institute collection for the "Resistance is Needed" project. The testimonies have been decoupled and categorized in order to identify similarities and contrasts related to the agents' views on their journalistic practices and strategies to challenge the regime. It is inferred that the contestation characteristic, based on the search for

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar e reduzida deste texto foi apresentada no XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado virtualmente entre os dias 1º e 10 de dezembro de 2020.



alternative models to the dominant journalistic practices of the period, has divergences, considering that Ziraldo uses humor as a way to delegitimize the regime while Raimundo Pereira proposes a critical model of journalism guided by a socialist vertex.

**Keywords:** alternative press; brazilian military dictatorship; resistance is needed.

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo comprender las opiniones de los periodistas que trabajaron en la prensa alternativa durante la dictadura militar brasileña (1964-1985) como una forma de contribuir al descubrimiento de la complejidad del fenómeno. Utiliza como corpus los testimonios de Raimundo Pereira y Ziraldo registrados en la colección del Instituto Vladimir Herzog en el proyecto "Resistir es Necesario". Los testimonios fueron desacoplados y categorizados para identificar similitudes y contrastes relacionados con las visiones de los agentes sobre sus prácticas y estrategias periodísticas para desafiar al régimen. Se infiere que el carácter contestativo, a partir de la búsqueda de modelos alternativos a las prácticas periodísticas dominantes de la época, presenta divergencias, considerando que Ziraldo utiliza el humor como una forma de deslegitimar al régimen mientras que Raimundo Pereira propone un modelo crítico de periodismo guiado por una visión socialista.

**Palabras clave:** prensa alternativa; dictadura militar brasileña; resistir es necesario.

 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n21p123-149>

Recebido em julho 2021 – Aprovado em agosto 2021.



## 1 Para situar o debate...



Devido ao tom ácido de crítica às restrições às liberdades intelectual e de expressão que mostravam seus tentáculos no período posterior ao golpe civil-militar de 1964 e à subsequente ditadura militar que se instaurou no Brasil até 1985, um volumoso rol de intelectuais, artistas e jornalistas entrou em rota de colisão com o projeto repressivo em voga. No campo jornalístico, veículos como “O Pasquim” – cujos traços de um de seus protagonistas, Ziraldo, são tomados de empréstimo na epígrafe que abre este artigo –, “Opinião” e “Movimento”, estes últimos idealizados e editados pelo lendário jornalista Raimundo Pereira, ajudaram a compor um complexo fenômeno de resistência cultural ao período de exceção: a chamada “imprensa alternativa” – foco deste trabalho.

Como ressalta Bernardo Kucisnki (2018), entre os anos de 1964 e 1980, nasceram e morreram no país cerca de 150 periódicos que tinham como característica um caráter contestatório ao poder estabelecido pelos militares brasileiros com apoio da burguesia nacional. Já para Marcos Napolitano (2018, p. 223), a imprensa alternativa – movimento inserido no contexto de uma resistência cultural mais abrangente, composta por instâncias como a produção editorial, os centros de pesquisa acadêmica e a produção artística – constituiu “o espaço de maior comunicação do intelectual com um público leitor mais amplo”.



Do ponto de vista empírico, o artigo se debruça sobre a análise qualitativa dos depoimentos de Raimundo Pereira e de Ziraldo – jornalistas que exerceram posições de proeminência na imprensa alternativa da década de 1970 (KUCINSKI, 2018) – registrados, em 2010, no escopo do projeto “Resistir é Preciso”, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog. Criado em junho de 2009 por um grupo de colegas e pela família de Herzog, o Instituto – classificado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça – apresenta o propósito de discutir os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais em âmbito nacional com base nas consequências dos 21 anos de autoritarismo no Brasil. A instituição – composta por uma equipe com mais de 60 membros liderada por Clarice Herzog, socióloga e viúva do patrono – trabalha ancorada em valores como a democracia, os direitos humanos e a liberdade de expressão, realizando iniciativas em educação, editoração, premiações de profissionais jornalistas e outros produtos culturais<sup>2</sup>. Em sua especificidade, o projeto “Resistir é Preciso” subdivide-se em cinco grupo de ações, sendo a internet sua principal plataforma de divulgação<sup>3</sup>. Intitulada “Protagonistas desta História”, a primeira seção do projeto, sobre a qual este trabalho se inclina, é devotada ao registro de depoimentos e de pequenas biografias de sessenta jornalistas, intelectuais e militantes políticos que atuaram no campo jornalístico no combate à ditadura-militar<sup>4</sup> – dentre eles, os agentes aqui pesquisados.

De antemão, o trabalho ancora-se em dois pressupostos de fundo: a) a imprensa alternativa consiste em um fenômeno complexo, composto por diferentes matizes estéticas, éticas e editoriais; b) os jornalistas em questão encontram-se em diferentes posições no espectro do campo jornalístico, portanto possuem no período diferentes práticas jornalísticas

---

<sup>2</sup> Para detalhes, ver: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/>.

<sup>3</sup> Ver: <https://resistirepreciso.org.br/>.

<sup>4</sup> Embora os depoimentos no site do projeto estejam editados, o Instituto Vladimir Herzog forneceu a íntegra dos materiais para fins desta pesquisa, que teve origem em um projeto de dissertação de Mestrado (ver: PEDRO NETO, 2020).



e distintas formas de contestação à repressão política realizada pelo aparato estatal controlado pelos militares. Outrossim, busca-se compreender a partir dos testemunhos dos entrevistados duas questões de pesquisa: a primeira, como os dois agentes atuam no processo de resistência à ditadura militar?; a segunda, como lidam com o aparato repressivo do regime?

No intuito de fornecer respostas aos questionamentos evidenciados, o artigo se estrutura em tópicos responsáveis por fomentar as categorias de análise e de compreensão do fenômeno. Inicialmente, em consonância com o primeiro pressuposto de fundo, busca-se delimitar no plano teórico-conceitual o que se define como imprensa alternativa no Brasil e quais são os desdobramentos desta categoria na história da segunda metade do século XX. Na sequência, o estudo volta-se à análise propriamente dita dos depoimentos de Raimundo Pereira e de Ziraldo. Para tanto, os principais trechos dos testemunhos que desvelam as visões dos jornalistas sobre o fenômeno da imprensa alternativa são decupados, permitindo-se a identificação de elementos de aproximação e de distanciamento em suas percepções sobre a produção jornalística no período de exceção.

Justifica-se a pertinência da investigação com base na própria atualidade do debate sobre a ditadura militar no Brasil – país que ainda lida com as consequências da violência de Estado ocorrida ao longo do século XX (FICO, 2015). Ademais, em um vértice comunicacional, entende-se que a compreensão da historicidade por trás do fenômeno da imprensa alternativa mostra-se salutar na contemporaneidade, momento no qual as experiências e arranjos do jornalismo alternativo têm se mostrado alternativas (redundância necessária) aos conglomerados midiáticos em termos ético-políticos, organizacionais e financeiros. Finalmente, depreende-se que em um período de tentativas de revisionismo histórico sobre os processos ditatoriais vividos no século anterior, faz-se propositada a discussão crítica sobre a repressão política e



a censura que ocorreram na ditadura com o severo cerceamento dos espaços de discussão pública.

## **2 A imprensa alternativa: características e elementos constitutivos**

Diferentes espaços de produção simbólica – como a literatura e a produção intelectual e artística –, inseridos no escopo da cultura das esquerdas no período que compreende o regime militar ditatorial brasileiro, teceram reflexões e debates profícuos para a compreensão daquele momento histórico, do autoritarismo vigente e das práticas políticas oposicionistas. Semelhantemente, a chamada imprensa alternativa também concedeu importante vazão a esse *ethos* de oposição à autocracia.

O termo “alternativo” já fornece pista sobre uma das principais características do conceito: um modelo de imprensa que possibilita outro modo de fazer e de pensar o jornalismo, uma alteridade ao padrão “convencional” – este último, por seu turno, um dos possíveis antônimos para a própria adjetivação do fenômeno. Diversos autores – a exemplo de Maria Aparecida de Aquino (1999), Cicilia Peruzzo (2006) e Bernardo Kucisnki (2018) – debruçam-se sobre o estudo e a definição desse modelo de imprensa, sobremaneira escrita, com destaque entre as décadas de 1960 e 1980, período marcado pela lógica da exceção e do autoritarismo no país.

Primeiramente, Cicilia Peruzzo (2006) enfatiza o desnivelamento das práticas jornalísticas alternativas ao modelo tradicional e as classifica como “o tipo de imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, então sob a batuta do regime militar no Brasil” em um contexto histórico no qual “a maioria dos grandes jornais se alinhava à visão oficial do governo, por opção político-ideológica ou pela coerção, sob a força da censura” (PERUZZO, 2006, p. 7). Em tal contexto, “a imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tabloide,



ousava analisar criticamente a realidade e contestar um tipo de desenvolvimento” (PERUZZO, 2006, p. 7). Outro importante elemento ressaltado pela pesquisadora remete aos agentes responsáveis por essas diferentes formas de contestação – panorama no qual se inserem historicamente Raimundo Pereira e Ziraldo, jornalistas aqui pesquisados. De modo geral, tais veículos costumavam ser “dirigidos e elaborados por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que, cansados do autoritarismo, aspiravam um novo projeto social” e tinham por objetivo “informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica” (PERUZZO, 2006, p. 7).

Bernardo Kucinski (2018), por sua vez, mapeia em tese de doutorado republicada como livro cerca de 150 jornais alternativos entre os anos de 1964 e 1980 que possuíam como componentes comuns a oposição ao autoritarismo que a ditadura representava. O autor elenca o significado desse modelo de imprensa, também conhecido pela alcunha de “imprensa nanica”, ao sublinhar seu não alinhamento às políticas dominantes e sua posição como alternativa entre duas coisas reciprocamente excludentes: a ditadura militar e a imprensa convencional. Nesse sentido, o modelo apresenta-se como horizonte para a difícil situação do período ao mesmo tempo em que passa a expressar o desejo das gerações dos anos de 1960 e 1970 de protagonizar as transformações sociais que acreditavam.

Já as contribuições de Maria Aparecida de Aquino (1999, p. 122) se inserem no movimento de busca pela definição dos principais elementos da imprensa alternativa em contraste com imprensa convencional. Para a historiadora, a imprensa convencional “organiza-se em torno dos princípios do liberalismo, estruturando-se como uma empresa capitalista que pode atingir pequeno, médio e grande porte (e, nesse caso, é chamada de grande imprensa)”. Por se orientar pelo ideal liberal, esse modelo de imprensa vale-se de uma “suposta defesa da imparcialidade na apuração dos fatos” e, nesse bojo, diferencia dois tipos básicos de



jornalismo: “o informativo (artigos e reportagens com a presença apenas de descrição dos eventos)” e “o opinativo (os editoriais e as matérias assinadas, considerados como expressão da opinião do grupo representante do periódico ou de seu autor em particular)”. Nessa linha de raciocínio, a imprensa convencional parte do princípio da exposição de vozes de diferentes correntes de forma supostamente equilibrada. Ademais, o modelo financeiro da imprensa convencional é estruturado principalmente por anunciantes, sendo “somente uma pequena parcela de seus recursos que deriva das vendas em bancas e assinantes”. Aquino (1999, p. 122) também reitera que no nível de produção de informações a imprensa convencional se utiliza do esquema de organização industrial e da compra notícias internacionais de grandes agências, a exemplo da *Associated Press*, da *France Press* e da *UPI*.

Em contrapartida, a imprensa alternativa “ocupa, de variadas formas, o espaço deixado pelo tipo de imprensa que segue o modelo convencional” (AQUINO, 1999, p. 122). De acordo com a autora, em quesitos organizacionais, este modelo pode se estruturar de duas maneiras: em termos empresariais, como o caso do jornal “Opinião”, que pertenceu ao deputado e empresário Fernando Gasparian, como será debatido à frente; assim como a partir da propriedade coletiva, composta por um rol de jornalistas e de representantes cooperados de diferentes grupos sociais com interesses em comum. A imprensa alternativa não se propõe neutra e imparcial tal qual – ainda que em termos de discurso autolegitimador – a imprensa de caráter liberal, “assumindo-se a serviço da defesa de interesses de grupos como, por exemplo, partidos, sindicatos, associações, minorias raciais e sexuais, e mesmo entidades religiosas” (AQUINO, 1999, p. 122). Contrariamente à suposta isenção da imprensa convencional, o modelo alternativo de imprensa é definido pela autora como “engajado” e “orientado a não separar a informação da opinião”. Do ponto de vista financeiro, sua manutenção advém da venda em bancas, de assinaturas ou de apoio à sua linha editorial por filiados



(no caso de sindicatos e partidos políticos) ou mesmo fiéis (no caso de jornais religiosos).

Em um momento de cerceamento da liberdade de expressão e de opinião pelo Estado brasileiro, o espaço que a imprensa alternativa possibilita aos diversos setores de oposição para expressar e legitimar sua visão de mundo a torna um *locus* de disputas e de tensionamentos internos – fator que evidencia duas características importantes para se tomar em consideração na análise dos depoimentos dos agentes entrevistados: 1) o caráter não-rígido do conceito de “imprensa alternativa”, sendo a própria adjetivação “alternativa” o indicativo de que se trata de um modelo de imprensa que se coloca, assim como discutido por Kucisnki (2018), como opção entre outros modelos, denotando um caráter crítico às posturas dominantes; e 2) seu caráter não monolítico e dicotômico, uma vez que, observada por esta ótica, endereça-se a uma abordagem simplista no interior da chave-interpretativa “dominação-resistência”.

### **3 Raimundo Pereira e Ziraldo: a imprensa alternativa em duas visões**

Do ponto de vista metodológico, como forma de desvelar a complexidade por trás das visões dos jornalistas Raimundo Pereira e Ziraldo a respeito do fenômeno da imprensa alternativa, foram decupados os depoimentos registrados em 2010 no acervo do projeto “Resistir é Preciso”, estabelecendo-se categorias de análise que permitem a identificação de elementos de similaridade e de dessemelhança nas práticas e nas estratégias na contestação ao regime por parte dos agentes estudados.



**Quadro 1** – Informações sobre os jornalistas analisados

<b>Jornalista</b>	<b>Periódicos que participou</b>	<b>Duração do depoimento</b>
Raimundo Pereira	<i>Opinião e Movimento</i>	38m16s
Ziraldo Alves Pinto	<i>O Pasquim</i>	3h39m33s

Fonte: Elaboração própria.

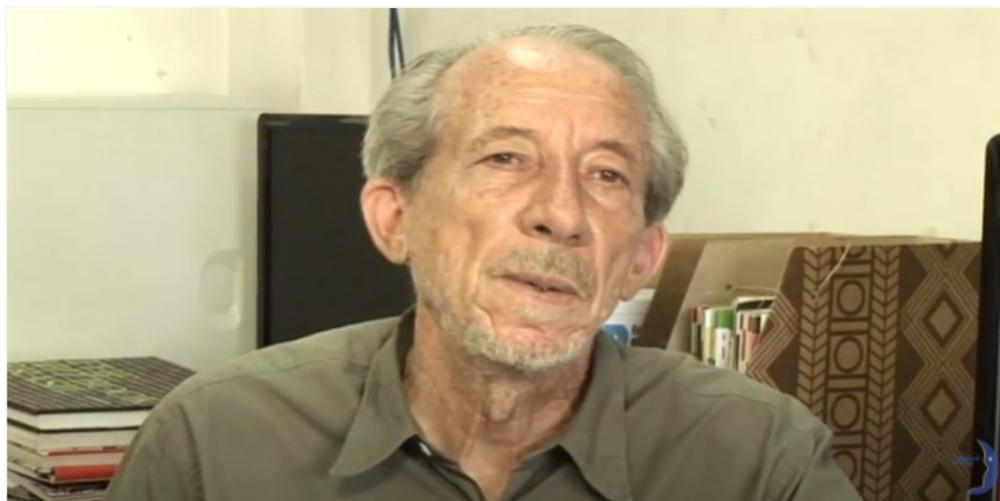
Debruça-se, assim, com base nos excertos dos depoimentos, sobre duas categorias analíticas principais: 1) a visão dos agentes sobre a atividade jornalística; e 2) a relação dos mesmos com as práticas de censura.

### **3.1 O jornalismo socialista de Raimundo Pereira**

Pernambucano de Exu, nascido em 1940, Raimundo Pereira edificou sua carreira profissional basicamente no Sudeste, trabalhando na “imprensa convencional” como repórter em veículos como “Realidade”, “Isto É” e “Folha da Tarde”. Seu maior protagonismo na história da imprensa brasileira, todavia, dá-se nos veículos alternativos. O jornalista emerge como um dos principais nomes da categoria dos chamados “periódicos políticos” (KUCINSKI, 2018), uma vez que a frente criada pelo agente constitui a “mais prolífica de todas as linhagens, surgida em torno do Amanhã, criado [...] em 1967”. A proeminência de Raimundo Pereira enquanto tronco de uma linhagem de veículos é tamanha que os jornais conhecidos como “políticos” que surgiriam posteriormente no período da ditadura militar se enquadrariam basicamente como parte da “evolução dessa linhagem [...] e da sua articulação com os partidos clandestinos” (KUCINSKI, 2018, p. 36).



**Figura 1** – Raimundo Pereira



Fonte: Instituto Vladimir Herzog.

A primeira chave de interpretação sobre o posicionamento ocupado por Raimundo Pereira no espectro jornalístico brasileiro remete ao seu descontentamento em relação ao papel desempenhado pelo jornalismo convencional. Para o agente, a imprensa convencional “havia adotado uma ‘estratégia de adesão’, havia se vendido ‘no sentido mais simples da palavra’” (KUCINSKI, 2018, p. 301). A priori, portanto, no escopo da autolegitimação, o jornalista advogava por uma prática classificada como crítica.

Em depoimento de mais de três horas de duração conduzido no âmbito do projeto Resistir é Preciso, Raimundo Pereira discorre amplamente sobre as décadas nas quais integrou importantes frentes jornalísticas no período de exceção, assim como expressa visões sobre a política e o jornalismo e ressalta aspectos considerados relevantes em sua trajetória. Os dois principais periódicos em que atuou foram “Opinião” (1972-1975) e, posteriormente – fruto de uma ruptura com o empresário e financiador do primeiro jornal, Fernando Gasparian –, “Movimento” (1975-1981). Volta-se a seguir ao estudo do posicionamento de Raimundo Pereira no âmbito das categorias de análise caras a este trabalho.



### 3.1.1 Categoria 1: A visão sobre o jornalismo

Do ponto de vista inferencial, mostra-se suficientemente interessante a identificação da linha de pensamento que Raimundo Pereira defende como pedra de toque no decorrer de seu depoimento ao Instituto Vladimir Herzog: a percepção do jornalismo como missão e a imprescindibilidade de uma trajetória politicamente engajada por parte de seus agentes. Na construção de sua trajetória laboral e militante, o agente imbricou-se na defesa – e nas conseqüentes disputas internas pelo delineamento do modelo – de um perfil bastante definido no escopo da imprensa alternativa: o jornalismo socialista.

Provocado no âmbito de seu depoimento a distinguir um “jornal alternativo” de um modelo definido por ele próprio como “jornal burguês” – este último, modelo que o agente alega ter tomado rumos “cada vez mais baratos e vagabundos” –, Raimundo Pereira argumenta:

Primeiro, ele pode ter essa perspectiva muito mais ampla, o jornal burguês como ele se sustenta comercialmente e usa de vários truques pra se sustentar [...] O jornal é um produto cultural, o produto cultural exige um leitor como eu. O rumo que a imprensa burguesa tá tomando como jornais cada vez mais baratos e vagabundos. Agora tem jornal no Brasil a 25 centavos, que são os que mais vendem. Porque a burguesia tá amarrada nesse problema do baixo nível de consciência popular. A imprensa burguesa de maior circulação surgiu nesse momento. [Joseph] Pulitzer e [William Randolph] Hearst são homens da teorização disso. O Hearst dizia assim: “você nunca perde dinheiro quando você subestima o nível de consciência do povo”. (PEREIRA, 2010, [3:07:08-3:08:35]).

Em termos de diferenciação, Raimundo Pereira sublinha que o chamado jornalismo burguês tem tomado trajetórias não consideradas adequadas à prática jornalística. O núcleo do argumento do agente recai no caráter comercial da atividade, com foco em lucros em detrimento de um eventual interesse público, o que – em sua perspectiva – degrada o



estatuto do “bom jornalismo”; qual seja, um modelo de “jornalismo popular” que tenha por objetivo elevar a consciência popular dos leitores. As ideias de “missão” e de “engajamento” revestem-se de pertinência nesse cenário, o que pode ser exemplificado no trecho a seguir:

O [William Randolph] Hearst dizia o seguinte: aqui tá o nível de consciência do povo [sinaliza com a mão], você vai ficar olhando e fazer um pouquinho e um pouquinho mais baixo, pra ganhar dinheiro. Então, se você faz uma coisa pra elevar o nível de consciência do povo, você perde. E isso é um movimento que pra mim, eu sou socialista, é o oposto do jornalismo socialista. O jornalismo socialista tem que ter como tarefa elevar o nível de consciência e de cultura do povo. (PEREIRA, 2010, [3:08:48-3:09:14]).

A ideia de um “jornalismo socialista” defendida por Raimundo Pereira encontra sintonia na concepção de jornalismo do pensador italiano Antonio Gramsci<sup>5</sup>. De acordo com Kucinski (2018, p. 17), “havia entre as concepções vigentes [na imprensa alternativa brasileira] uma forte inspiração gramsciana, entendendo os jornais como entidades autônomas, com o principal propósito de contribuir para a formação de uma consciência crítica nacional”. Outrossim, ainda na lógica da edificação de um modelo, um dos aspectos que merece atenção na argumentação de Raimundo Pereira é a defesa da dimensão formal do jornalismo (ainda que em sua manifestação “burguesa”), com a artilharia crítica do agente voltando-se substancialmente ao plano conteudístico deste padrão (plano no qual, infere-se a partir do testemunho do jornalista, deveria concentrar-se os movimentos de “rompimento” e de “superação”). Ao defender a legitimidade do jornalismo como prática social, o jornalista reconhece a importância da imprensa burguesa como dimensão expressiva, mas adverte que o meio adequado para se desenvolver a atividade consiste na superação de sua essência liberal. Salvaguarda-se,

---

<sup>5</sup> Apesar de seu caráter fragmentário, devido à trajetória peculiar de Antônio Gramsci, a obra “Os Intelectuais e a Organização da Cultura” (1968) se tornou um manual entre intelectuais e jornalistas no período histórico em questão (KUCISNKI, 2018).



por conseguinte, um modelo de prática jornalística com finalidades democrático-populares:

Um jornal assim, tipo, dois cadernos de dezesseis páginas [...] tem que ter uma redação de altíssima qualidade, portanto, implica também em ter alguma grana. [...] Tem que ser pelo menos um meio milhão, com meio milhão já dá pra, com uma equipe, se você tiver uma equipe muito boa, usar muito a internet [...] A consigna é a seguinte: destruir o jornal burguês, mas fazer um melhor. (PEREIRA, 2010, [03:02:48-03:04:01]).

Na prática, a inspiração de Raimundo Pereira na construção do jornal *Opinião* veio de veículos como *The Guardian Weekly* (semanário impresso britânico que compilava artigos dos jornais *Le Monde*, *The Guardian* e *The New York Times*), que, embora possuísse caráter crítico, estava longe de ser classificado como “socialista”. Deduz-se desta circunstância que a ideia de “superação de um modelo” defendida pelo agente se relaciona muito mais com a transposição da classe dirigente da imprensa enquanto empresa do que propriamente a uma crítica deontológica ao jornalismo como atividade profissional. Na visão do jornalista, ainda que a imprensa classificada como “burguesa” mire essencialmente o lucro acima da qualidade e da construção de um modelo de jornalismo crítico, trata-se de um universo com ampla estrutura organizacional e de financiamento – características que deveriam ser disputadas também pela imprensa alternativa. Dessa maneira, Raimundo Pereira se posiciona no campo jornalístico à margem de um modelo “convencional”, mas busca demarcar e legitimar sua perspectiva no interior de uma luta simbólica mais ampla que reflete a divisão do espaço social no qual o agente exerceu seus anos de resistência: um mundo bipolarizado entre as ideologias socialista e capitalista. Trata-se de um modelo “alternativo” de imprensa que, sem a transgressão formal, localiza-se essencialmente como alteridade ao projeto de capitalismo, isto



é, com os trabalhadores propensos a superar a estrutura patronal dos jornais com a conquista de seus comandos.

### **3.1.2 Categoria 2: A relação com a censura**

No que tange à segunda categoria de análise – a relação com a censura –, Raimundo Pereira reitera em seu depoimento ao Instituto Vladimir Herzog a argumentação de que a “imprensa convencional” acatou de maneira geral a repressão política dos aparatos estatais durante a ditadura. Como enfatizado por historiadores como Napolitano (2018), o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) obteve o “paraíso” do milagre econômico brasileiro a partir da repressão a qualquer contrapartida das oposições. O período do mandato do general remete à institucionalização da censura no país, ação respaldada pelo Ato Institucional número 5 (o AI-5) e que se “tentaculariza” no interior dos grandes veículos convencionais e pelos periódicos alternativos. Nesse cenário, a reflexão sobre censura contida no depoimento de Raimundo Pereira se materializa a partir da menção a exemplos de temas que eram considerados polêmicos justamente pela denúncia aos elementos arbitrários do regime – como a morte do estudante de Geologia da Universidade de São Paulo (USP), Alexandre Vannucchi Leme, em 1973<sup>6</sup>:

É contraditório, né? Porque eram dois caras [...] a serviço mesmo e não queriam conversa. “Não pode, não pode! Acabou, não vem com história, isso aqui não vai sair. Mas ao mesmo tempo eram dois seres humanos que estavam ali.... “Não, não pode, então que que pode? Então não pode citar o nome do Vannucchi” [...]. Então eu dizia: “vamos fazer uma matéria sobre a missa, sem citar o Vannucchi” [...]. Você percebe, se você não vai ficar reclamando em casa, mas tem uma chance de algum tipo de luta... porque estava todo mundo sabendo, todo mundo careca de saber que a missa

---

<sup>6</sup> Vannucchi Leme foi um estudante e militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) morto nas dependências do Doi-Codi em 1973. A morte de Leme foi um dos fatores que aglutinou a sociedade civil e a Igreja Católica em um bloco de oposição ao regime.



de São Paulo é a missa de Dom Paulo [Evaristo Arns], era pro Vannucchi. E todo mundo estava lá por causa disso. Então fizemos o jornal, não citamos o Vannucchi, e foi um sucesso enorme. Isso aqui vendeu 38.400 exemplares em banca. Todo mundo sabia, e todo mundo sabia que o jornal era porta voz daquela aspiração [...]. Nem era necessária essa informação praquela pessoal. (PEREIRA, 2020, [42:51-44:43]).

Raimundo Pereira faz referência a uma estratégia de comunicação usada com frequência por este modelo de imprensa alternativa para driblar a censura: discutir certo tema sem mencioná-lo diretamente. Não por acaso, o agente enfatiza que “foi um sucesso enorme”. A interferência e a utilização de contra-estratégias advindas da repressão política; contudo, não tardaram a instrumentalizar a censura aos jornais alternativos no período. O tema é debatido pelo jornalista:

O que que acontece depois desse número? Pessoal de Brasília diz: “oh, não adianta!” [...]. Mas nós tivemos que fazer o jornal, não fechar, porque o jornal tem que ser atual, semanário, fecha sábado de madrugada. Nós tínhamos que fechar na quarta-feira, mandar tudo pra Brasília, volta o material e é esvaçalhado. Aí eles começam a fazer uma censura em Brasília assim: você manda três jornais e eles te devolvem um. Você manda material suficiente pra fazer três jornais e eles vão cortando. Cortando até... De início os cortes eram até assim, o cara tem uma frase que tem um “sim” e ele corta pra deixar “não”. Chegaram a cortar a coluna de xadrez. (PEREIRA, 2010, [44:50-45:57]).

Então o jornal começa a ser mutilado. E a censura consegue seu objetivo, porque a venda do jornal cai, [...] porque não tem conteúdo, ninguém comprava o jornal porque estava nos ajudando, estava nos dando esmola. O cara queria informação. E aí ficou uma discussão, dentro do jornal, fecha ou não fecha e tal. E aí prevalece a ideia de que vamos continuar resistindo, etc. (PEREIRA, 2010, [49:32-49:55]).

No plano contextual, a ditadura militar brasileira adotou como objetivo dificultar a circulação dos periódicos alternativos críticos ao dificultar a manutenção de sua estrutura organizacional. O jornal



“Opinião”, idealizado e editado por Raimundo Pereira como semanário localizado no Rio de Janeiro, passou a lidar com o obstáculo de enviar diariamente para Brasília os materiais para averiguação da censura. A Polícia Federal, por seu turno, buscava prejudicar a regularidade do periódico ao atrasar a entrega do conteúdo. As práticas repressivas cumpriram seu propósito no caso do “Opinião”, com a queda de vendas e a perda de qualidade informativa do jornal, bem como posteriormente com “Movimento”. Nas memórias sobre o tema, entretanto, a ideia de resistência permanece latente e o jornalista apresenta à pesquisa um importante conjunto de percepções para a compreensão do fenômeno da imprensa alternativa.

### **3.2 Ziraldo e a resistência pela anedota**

Mineiro de Caratinga, nascido em 1932, Ziraldo Alves Pinto, mais conhecido apenas por Ziraldo, destacou-se no campo expressivo brasileiro como jornalista, cartunista, chargista, pintor, escritor e dramaturgo. Foi na imprensa alternativa, porém, que ao lado de colegas como Jaguar, Tarso de Castro e Sérgio Cabral, protagonizou uma das principais – e mais bem sucedidas – experiências alternativas de resistência cultural ao regime militar brasileiro: o jornal “O Pasquim”. Em termos analíticos, pode-se afirmar que os integrantes de “O Pasquim” se posicionam em um espaço diferenciado do campo jornalístico em relação aos agentes relacionados aos periódicos conhecidos como “políticos”, a exemplo de “Opinião” e “Movimento”, dirigidos por Raimundo Pereira. De verve essencialmente satírica, “O Pasquim” emergiu como um veículo não devotado às vertentes políticas – no sentido de influência direta do pensamento de esquerda dominante, de cunho marxista –, integrando, assim, uma categoria de periódicos do período que pode ser nominada de “existencialista”.



**Figura 2** – Ziraldo Alves Pinto



Fonte: Instituto Vladimir Herzog.

As influências dos participantes de “O Pasquim” se encontram nos movimentos de contracultura surgidos nos Estados Unidos e em vários países da Europa entre as décadas de 1950 e 1960, como também no existencialismo de matriz francesa do filósofo Jean-Paul Sartre. Malgrado Fernando Gasparian – financiador e um dos criadores do jornal “Opinião” ao lado de Raimundo Pereira – tenha se inspirado na estrutura organizacional e financeira do periódico satírico, por exemplo, o empresário buscava a construção de outro projeto como alternativa intelectual no espectro político (KUCINSKI, 2018). Nesse sentido, as peculiaridades de “O Pasquim” exteriorizadas no depoimento de Ziraldo registrado no acervo do Instituto Vladimir Herzog revestem-se de pertinência como objeto de análise para o desvelamento da complexidade da imprensa alternativa brasileira no período ditatorial pós-1964.

### **3.2.1 Categoria 1: A visão sobre o jornalismo**

No interior da primeira categoria de análise – a visão sobre o jornalismo –, constata-se que a atuação de Ziraldo na resistência ao regime se utiliza, desde o princípio, do humor como ferramenta de deslegitimação simbólica da hegemonia militar (NAPOLITANO, 2015).



Como ressalta o próprio agente, sua função é “passar o riso em volta do tirano” a partir da utilização da sátira mediada pelos cartuns. Em sua percepção sobre o papel dos jornalistas-cartunistas, Ziraldo recorre ao repertório histórico da profissão como instância legitimadora. Nesse horizonte, o cartunista argumenta que, em períodos de autoritarismo, coloca-se a necessidade intrínseca de participação e de intervenção expressiva no plano social – elemento evidenciado no depoimento quando o agente ressalta a consciência que possuía junto a seus pares do “momento histórico” vivenciado:

Eu não sei o que seria da minha vida se não tivesse atravessado esses anos de fundo sem participar da resistência, entendeu? Porque uma grande quantidade de jornalistas tem uma certa tristeza de não ter tido coragem. Tem uma certa, assim... uma certa implicância com a gente, porque, de qualquer maneira, pra todos os efeitos, a gente foi, para os externos, corajosos. A gente botou o da gente na seringa. A gente foi lá e disse: “não concordo com essa merda!”. A gente foi! Agora, não tem heroísmo nenhum nisso, isso é da natureza da pessoa... Todos os cartunistas do mundo, desde a invenção da imprensa, desde os franceses, os ingleses e tudo mais, sempre passaram o riso em volta do tirano. Quer dizer, a gente tinha mais ou menos isso, [...] era um sentimento que... a gente não podia ficar fazendo cartum. (ALVES PINTO, 2010, [34:51-35:58]).

A gente tinha essa consciência de que a estava vivendo um momento histórico e a gente tinha que repetir o pessoal do [Honoré] Daumier, os ingleses lá. [...] Mas é isso, a gente entrou porque era inexorável, a gente não tinha como não participar. (ALVES PINTO, 2010, [36:49-37:18]).

Como meio de comunicação, “O Pasquim” evidenciava suas tendências anárquicas ao buscar democratizar as relações entre seus membros, bem como – e sobretudo – pela constante defesa da liberdade comportamental. O foco do jornal, porventura, recaía na crítica aos costumes convencionais e ao moralismo da classe média respaldada pelo comportamento sisudo dos militares no poder (KUCISNKI, 2018). Em



relação ao momento histórico do jornal, “O Pasquim” constituiu uma experiência longínqua no panorama da imprensa alternativa. Seu primeiro número foi publicado em junho de 1969 e percorreu uma extensa trajetória até o fim da década 1980, mais especificamente em 1988 – contudo, pode-se afirmar que o seu apogeu ocorreu na década de 1970, período no qual atingiu tiragens de até 225 mil exemplares (KUCISNKI, 2018), uma exceção no terreno dos periódicos alternativos.

No depoimento ao projeto “Resistir é Preciso”, Ziraldo relata que no início de sua experiência profissional possuía preocupações que fugiam ao escopo político e que passa a trabalhar com charges engajadas somente após o golpe civil-militar, especialmente com o acirramento da ditadura sob a égide do AI-5 – momento no qual, segundo o agente, “todos viraram políticos”:

Nós éramos – Millôr, Jaguar, Fortuna, Claudius e eu – os meninos do Millôr. A gente era quatro cartunistas cujo desenho tinha uma qualidade internacional, quer dizer, os cinco podiam desenhar na França, na Inglaterra, porque a gente estava preocupado com a qualidade do desenho, a gente era desenhista de humor. O primeiro livro que saiu com nosso trabalho era assim: “Dez desenhistas de humor”, a gente não se chamava de caricaturista [...]. Eu não fazia charge política, eu era cartunista só, preocupado com a qualidade do desenho e tal, mas eles foram botando a gente contra a parede, contra a parede, contra a parede e nós viramos todos políticos, né? E aí O Pasquim, com humor, enfrentou toda a ditadura esse tempo todo, com prisões, com bomba jogada na redação. (ALVES PINTO, 2010, [3:30-4:55]).

Em um panorama de liberdade de imprensa cerceada, o jornalismo considerado mais “sério” do ponto de vista da militância e das bandeiras sócio-políticas (espaço simbólico no qual se enquadravam, por exemplo, os jornais editados por Raimundo Pereira) passou a ocupar menor terreno como decorrência do fechamento dos ambientes de produção e de circulação. Com o acirramento do regime em 1968, tornaram-se ainda



mais limitados os espaços por meio dos quais os chargistas poderiam publicar seus trabalhos – circunstância que evidenciou a necessidade de criação de um veículo de imprensa com o intuito próprio de agregar humoristas e desenhistas com preocupações no âmbito político. Segundo Kuciski (2018), a formação de um jornal de caráter aglutinador movia os interesses tanto de jornalistas experientes – como Jaguar, Ziraldo, Millôr Fernandes, Fortuna e Claudius –, que buscavam mais liberdade criativa em suas produções, como também dos novos chargistas que galgavam espaço para o reconhecimento de seus trabalhos – sendo o principal representante dessa geração o desenhista Henrique de Souza Filho, popularmente conhecido como Henfil.

Conforme registrado no depoimento de Ziraldo, como estratégia comunicacional para se precaver das críticas que seriam recebidas por um jornal humorístico calcado na sátira, um dos membros fundadores do periódico, o cartunista Jaguar, sugeriu de antemão que o próprio nome fosse “pasquim”, sinônimo para “um jornal vagabundo”:

E aí, na reunião preparatória que eu não estava, Jaguar disse a frase: “Já que vão chamar a gente de Pasquim mesmo” – pasquim é um jornal vagabundo – “já que vão nos chamar de pasquim, vamos botar o nome de Pasquim, vamos assumir o Pasquim”. (ALVES PINTO, 2010, [8:48-9:04]).

As estratégias de legitimação e de defesa adotadas por “O Pasquim” em um ambiente hostil à liberdade criativa denotam uma manifestação peculiar, materializada no testemunho de Ziraldo, da visão sobre como o jornalismo da imprensa alternativa deveria posicionar-se no escopo da resistência cultural. Tal peculiaridade, em paralelo à visão exteriorizada por Raimundo Pereira, redundava no reconhecimento da complexidade do fenômeno, marcado por matizes que, uma vez identificadas, inviabilizam sua compreensão como um bloco monolítico – o que pode ser uma vez mais verificado na segunda categoria de análise.



### 3.2.2 Categoria 2: A relação com a censura

Dinâmica semelhante pode ser identificada na interpretação do depoimento de Ziraldo a partir de sua relação com a censura. Sátira e humor consistem em dois valores perceptíveis na análise do testemunho do agente em contraposição ao “jornalismo socialista” de Raimundo Pereira. Os momentos de repressão sofridos pelos jornalistas de “O Pasquim” e relatados por Ziraldo – memórias que registram a utilização da anedota para questionar o *ethos* autoritário representado pelos militares – remetem a uma postura diferenciada da maneira como os integrantes da imprensa “política” lidavam com a censura. Duas passagens do depoimento sobressaltam o modo como Ziraldo e os outros integrantes do jornal satírico relacionavam-se com a repressão política. Primeiramente, destaca-se o relato do envio de um cartão por parte do agente para uma censora:

Tem uma história muito curiosa, que eu fui pra Itália e nós estávamos sendo censurados por moças na delegacia política aqui do Rio de Janeiro [...]. Nessa época, ia pra delegacia aqui, eles censuravam [...] tudo, com desenho, tudo, a gente fazia três ou quatro números. Entendeu? Aí voltava, a gente fazia muito que era pra poder pescar, botava coisa pra eles proibirem pra liberar o que a gente queria e tal. [...] Aí eu fui pra Itália e mandei um retrato, mandei um cartão postal do Davi de Michelangelo de costas, só com a bunda dele. Mandei lá pra polícia, pras três meninas. Aí eu falei: - Olha, eu tô mandando o Davi de costas, porque se eu mandar de frente vocês vão cortar o p\*nto dele. Aí mandei esse cartão. Quando eu cheguei aqui, a censora tinha sido tirada da... elas foram removidas por dar confiança aos censurados e a censura passou pra Brasília, ia pra Brasília... (ALVES PINTO, 2010, [13:18-15:05]).

Em pleno AI-5, Ziraldo enviou um cartão com piadas para uma censora – um meio de resistir à hierarquização estabelecida pelos aparatos de repressão política a partir do humor. A fala do cartunista é



pertinente para se notar como se estabelecia o relacionamento entre jornalistas e censores nesta modalidade de imprensa. Na sequência, o agente também notabiliza o “caráter multifacetado do processo de repressão política estatal” (AQUINO, 1999) quando discorre sobre a relação de afinidade em certo período do jornal com um dos censores, o general Juarez Paz Pinto:

O general ligado ao Golbery [do Couto e Silva] pediu a um general pai da garota de Ipanema, bonitão parecia com o Steve McQueen... bonito, simpático, da cavalaria, pra ser o chefe da censura. Então, ele virou o nosso protetor, chamava a gente de ‘os meus meninos’, ‘os meus meninos’ e ficava na praia, sentado com os amigos, e o Ivan Lessa levava O Pasquim lá pra ele censurar. Ele lia e dizia assim: “mas essas anedotas tão uma bosta, tão muito sem graça, Ivan Lessa. Eu vou cortar porque são muito ruins, eu vou mandar umas anedotas que eu tenho pra você botar no jornal”. (ALVES PINTO, 2010, [16:17-16:55]).

Neste caso específico, o convívio relativamente pacífico entre a censura e os censurados se desfez com a capa da famosa edição número 105 de “O Pasquim”, com o título “Todo paulista (que não gosta de mulher) é bicha”. Na ocasião, de acordo com o depoimento de Ziraldo, o general afirmou que não compreendera o sentido da palavra “bicha” e passou por uma represália de seu superior – o que gerou um ataque homofóbico e um rompimento na relação “cordial” no veto ao jornal:

Aí nós fizemos uma capa de O Pasquim que era assim: “Todo paulista é bicha”, “Todo paulista que não gosta de mulher é bicha” [...]. O jornal ficou exposto na banca que já usava mais o jornal e vendeu cem mil exemplares em São Paulo. E aí o general foi chamado pelo [Alfredo] Buzaid<sup>7</sup> pra poder dar um esporro nele. Ele voltou e disse: “rompi com vocês! Rompi com vocês! Rompi! Rompi! Rompi! Vocês me fazem cada traição danada. Eu acho que “bicha” todo mundo fala. No Macaranã todo mundo tá falando “bicha”, eu liberei “bicha”. Agora, eu não suporto viado, eu tenho ódio de viado, eu não gosto nem de olhar pra viado. E este viado

---

<sup>7</sup> Ministro da Justiça do governo Médici.



desse ministro me chama lá pra me esculhambar, eu queria dar uma porrada naquela filha da p\*ta daquela bichona!”. (ALVES PINTO, 2010, [16:57-18:02]).

Infere-se que o caráter complexo – e por vezes contraditório – da censura brasileira sobre o qual alerta Aquino (1999) faz-se perceptível na relação entre o general Juarez Paz Pinto e os integrantes da patota – nomeação que os próprios jornalistas de “O Pasquim” se davam. A despeito da posição institucional como integrante do aparato estatal censor – um agente regulador da legitimidade do que seria publicado no jornal –, o militar em questão mantinha uma interface de proximidade que possibilitava até mesmo a realização de brincadeiras com os jornalistas. Esta contraditória manifestação de afeto denota uma maneira diferente de relação frente às reações ao processo de censura por parte dos jornalistas orientados pelos princípios da esquerda marxista. Em síntese, o depoimento de Ziraldo ao Instituto Vladimir Herzog expressa – no bojo de um multifacetado processo – uma faceta peculiar dos jornalistas-cartunistas na resistência à ditadura: o humor como ferramenta de confronto.

#### **4 Considerações possíveis**

No caminho das considerações possíveis nas quais este artigo se ancora, faz-se pertinente retomar as duas perguntas de pesquisa explicitadas em sua Introdução: 1) como os jornalistas Raimundo Pereira e Ziraldo atuam no processo de resistência à ditadura militar?; e 2) como os agentes lidam com o aparato repressivo do regime? Com base nos depoimentos registrados pelo projeto “Resistir é Preciso” e pertencentes ao acervo do Instituto Vladimir Herzog, constata-se que Raimundo Pereira e Ziraldo expressam suas contribuições na luta simbólica contra o Estado autoritário a partir de visões e estratégias divergentes calcadas em diferentes condições objetivas e subjetivas de ação.



Ziraldo, influenciado pelo ambiente descontraído de “O Pasquim”, vale-se do riso e do deboche como meio de resistência à ditadura e aos seus mecanismos de repressão, em especial à censura – o que localiza o periódico, de influência existencialista no combate à moral e aos costumes da época, fora do espectro dos jornais alternativos dito “políticos”. A própria percepção satírica de seus pares e o relacionamento com um general, que embora censor demonstrava afeto pelos profissionais, conota as contradições do período histórico em debate. Ademais, a visão política de Ziraldo, mesmo revestida de profundo viés crítico, não se fundamenta no imperativo “revolucionário” de classe reivindicado por Raimundo Pereira.

Em contrapartida, influenciado pelos debates da esquerda marxista no plano internacional, o criador dos jornais “Opinião” e “Movimento” – como exteriorizado em seu testemunho – parte do princípio de que a imprensa alternativa deve constituir o meio de expressão com pretensões explicitamente anticapitalistas, devendo superar o que o próprio agente classifica como “jornalismo burguês”. Raimundo Pereira advoga, assim, por um modelo de “jornalismo socialista” com intenções de aumentar a consciência popular da classe trabalhadora. Outrossim, mesmo que não tenha se armado com os artifícios do humor como ferramenta simbólica de contestação à ditadura, o jornalista se vale de uma visão engajada para a construção de um jornalismo crítico que procura estratégias criativas na contraposição ao cerceamento autoritário dos espaços de discussão coletiva.

Nesse horizonte, os dois pressupostos fundamentados na abertura do artigo – 1) a imprensa alternativa consiste em um fenômeno complexo, composto por diferentes matizes estéticas, éticas e editoriais; e 2) Os jornalistas em questão encontram-se em diferentes posições no espectro do campo jornalístico, portanto possuem no período diferentes práticas jornalísticas e distintas formas de contestação à repressão política realizada pelo aparato estatal controlado pelos militares – mostram-se



factíveis quando mediados pela análise empírica. Tal como argumentado na discussão teórica, em um momento no qual se contatam tentativas de um revisionismo histórico sobre as heranças e as cicatrizes de violência deixadas no país pelo projeto autoritário de poder militar que prevaleceu durante parte significativa do século XX, faz-se imprescindível o entendimento dos desdobramentos e da complexidade da categoria analítica da “imprensa alternativa” para, assim, aportar-se na compreensão das diferentes propostas editoriais, estéticas e políticas dos periódicos com importante contribuição para a deslegitimação do projeto da ditadura (NAPOLITANO, 2015, 2018; KUCINSKI, 2018).

## Referências

- ALVES PINTO, Ziraldo. Série de Documentários Resistir é Preciso. [S.I.]: **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/acoes-ivh/pecas-ponto-de-partida-e-patetica/>.
- AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado Autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.
- CONSELHO e equipe. Instituto Vladimir Herzog, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/conselho/>. Acesso em: 4 mar. 2020.
- FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: no tempo da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 2018.
- NAPOLITANO, Marcos. A resistência cultural durante o regime militar brasileiro: Um novo olhar historiográfico. *In*: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org). **Ditaduras militares**: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 193-212.



NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

NOSSA história. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/nossa-historia/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

O INSTITUTO. **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, s.d. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

PEDRO NETO, Leopoldo. **Construção do ethos jornalístico de resistência na imprensa alternativa durante a ditadura militar brasileira**: estudo dos depoimentos do projeto Resistir é Preciso. 2020. 254 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

PEREIRA, Raimundo. Série de Documentários Resistir é Preciso. [S.I.]: **Instituto Vladimir Herzog**, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/acoes-ivh/peças-ponto-de-partida-e-patetica/>.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Revisando os conceitos de comunicação popular, Alternativa e Comunitária. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2006.

PROTAGONISTAS dessa história. **Resistir é Preciso**, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://resistirepreciso.org.br/protagonistas-dessa-historia/>. Acesso em: 4 mar. 2020.